

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Daniela Damion

**RACIONALIDADE NEOLIBERAL, EMPREENDEDORISMO E
TRABALHO NO ENSINO MÉDIO: UM ENSAIO A PARTIR DAS
PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Porto Alegre

2023

DANIELA DAMION

**RACIONALIDADE NEOLIBERAL, EMPREENDEDORISMO E
TRABALHO NO ENSINO MÉDIO: UM ENSAIO A PARTIR DAS
PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de Licenciatura
em Ciências Sociais, na Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof. Dr^a. Rosimeri Aquino

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Sinto que devo pedir licença para inserir essa parte em um trabalho de conclusão tão sucinto (ia escrever pequeno, mas injusto apequenar o esforço que empenhamos aqui). Então, depois de considerar descabido, resolvi escrever algumas palavras dedicatórias para fins de registro histórico. Porque, afinal, o processo de finalização desse curso em Licenciatura foi tão demorado quanto difícil. Nestes sete anos muitas pessoas fizeram parte de minha permanência e insistência, mas preciso nominalmente agradecer a algumas. Em primeiro lugar à Carla, minha mãe, por ser sempre uma luzinha acesa e sonhar uma vida bonita junto comigo e à Gilberto, meu pai, por constantemente me lembrar que posso confiar (mais) em mim. À Pedro Winck pelos anos de amizade e companheirismo, que desde nossa graduação em Ciências Sociais carinhosamente me incentivou no processo de vir a ser professora. À minha amada amiga de toda a vida Nicole, e à Sandra, professora querida e inspiradora, agradeço os conselhos e incentivos que ajudaram eu manter firmeza nesse percurso. Como se fosse uma entidade, gostaria de agradecer à turma de Estágio II, que teve lugar em 2022/1. Cecília, Larhyssa, Rita e Rosimeri, nossas trocas e encontros nas segunda-feira de manhã me mantiveram sã e interessada não apenas na licenciatura, mas também nessa experiência que é ser socióloga e doutoranda: pensadora, pesquisadora e questionadora de mundos reais e possíveis. Obrigada à mulher-pesquisadora-professora Rosimeri, com quem aprendi e reaprendi muitas coisas de vida e teoria neste último ano (que espero se estenda pelos próximos), muito obrigada pela orientação durante os estágios docentes e neste trabalho. Enfim, agradeço à Juliano Colla pelo carinho, os bons afetos e questionamentos que me causa desde que nossas vidas se cruzaram, em especial nos momentos de estágio docente e agora na elaboração das reflexões deste trabalho.

RESUMO

As condições de vida hoje, marcadas pela precariedade para enormes contingentes da população se explica, em grande medida, pela hegemonização de uma política pautada pela racionalidade neoliberal, que se consolida a partir da década de 1980, tendo contornos particulares no Brasil. No campo da educação, há anos testemunhamos diversos retrocessos, mas que se aceleraram particularmente a partir de 2017 com a imposição do Novo Ensino Médio. Este pode ser considerado o produto acabado do antigo projeto neoliberal de educação, que bebe da teoria do capital humano, mas se diferencia substancialmente desta já que não se está mais em um contexto de expansão do mercado de trabalho, mas sim da necessidade da formação para competências em um mercado altamente competitivo e flexível. Uma vez que os jovens são mais negativamente afetados pelas desigualdades sociais e pelo desemprego estrutural, o tema "juventude e trabalho" é de grande relevância para a leitura da realidade e, mais do que isso, para traçar políticas que atendam às demandas por melhores condições de desenvolvimento e vida dessa parte da população. Dentro disso, as pesquisas conduzidas no âmbito das Ciências Sociais são o foco deste ensaio, por ser campo privilegiado para a investigação da realidade social. A partir de revisão bibliográfica na plataforma Scielo, reflete-se sobre a produção na área a respeito do tema e busca-se destacar a importância da pesquisa empírica, da escuta dos jovens, para a compreensão da realidade. As reflexões aqui presentes se inserem no contexto do fortalecimento do discurso do empreendedorismo, aqui compreendido como um elemento da racionalidade neoliberal, o autoempreendedorismo (*self enterprise*). Dessa forma, sendo o ethos empreendedor um fator importante hoje na organização de projetos de vida dos sujeitos, buscamos demonstrar a relevância da pesquisa empírica, da escuta de jovens, para a compreensão da realidade atual do mundo do trabalho e do papel que a educação desempenha enquanto formadora de sujeitos.

Palavras-chave: Juventude e Trabalho; Neoliberalismo; Empreendedorismo; Novo Ensino Médio; Sociologia da Educação.

ABSTRACT

The living conditions today, marked by precariousness for huge contingents of the population are largely explained by the hegemony of a policy guided by neoliberal rationality, which has been consolidated since the 1980s, with particular features in Brazil. In the field of education, for years we have witnessed several backlashes, but these have particularly accelerated since 2017 with the imposition by law of new education guidelines (Novo Ensino Médio). Such policy can be considered the finished product of the old neoliberal education project, which draws on the human capital theory, but differs substantially from it since we are no longer in a context of labor market expansion, but rather of a need for skills training in a highly competitive and flexible market. Since young people are more negatively affected by social inequalities and structural unemployment, the topic "youth and work" is of great relevance for the interpretation of reality and, more than this, to trace policies that meet the demands for better development and living conditions for this part of the population. Within this context, research conducted in the Social Sciences is the focus of this essay, as it is a privileged field for investigating social reality. Based on a bibliographic review on the Scielo platform, we reflect on the production in the field about the theme and seek to highlight the importance of empirical research, of listening to young people, for the understanding of reality. The reflections presented here are inserted in the context of strengthening the discourse of entrepreneurship, understood here as an element of neoliberal rationality, a self-entrepreneurship (self-enterprise). In this way, as the entrepreneurial ethos is an essential factor today in the organization of subjects' life projects, we seek to demonstrate the relevance of empirical research, of listening to young people, for the understanding of the current reality of the world of work and the role that education plays as a source of subjects' formation.

Keywords: Youth and Labor; Neoliberalism; Entrepreneurship; Novo Ensino Médio; Sociology of Education.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
O PERCURSO DA PESQUISA (ou da “sinceridade metodológica”)	9
A PRODUÇÃO NO CAMPO: COMO E QUANTO SE ESCUTA A JUVENTUDE?. 15	
Levantamento da produção no campo	15
Análise da produção no campo.....	16
O <i>ETHOS</i> AUTOEMPREENDEDOR E A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA COMO INVESTIGAÇÃO DA JUVENTUDE	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30
ANEXO I – Tabela de Resumos Trabalhos Analisados.....	33

INTRODUÇÃO

No momento em que escrevo, o debate da implementação do Novo Ensino Médio (NEM) no Brasil encontra o que parece novo fôlego, com a repercussão da crítica ganhando os principais meios de comunicação de massa e manifestações tomando as ruas de diversas cidades. Ancorada em uma diversa gama de atores (estudantes, docentes, pesquisadores, ativistas) a crítica que insurgiu com a imposição da Lei 13.415/2017 pelo governo de Michel Temer, ocupa o centro do debate agora que as mudanças de currículo começam a ser implementadas. Matéria do Globo intitulada “Após reforma do ensino médio, alunos têm aulas de ‘O que rola por aí’, ‘RPG’ e ‘Brigadeiro caseiro’” chamou a atenção do público geral e despertou o debate popular sobre os resultados estranhos (para dizer o mínimo) das novas diretrizes curriculares. Aquelas engajadas a mais tempo na luta contra tais mudanças sem dúvidas apostaram na candidatura de Lula na última eleição para combater o que é visto como retrocesso para a educação pública. Embora não seja surpresa, diante da composição da equipe formuladora de orientações para a área da Educação do governo transitório, na qual estavam em peso as instituições responsáveis pelo NEM, as expectativas iniciais para o lado de cá foram frustradas e a mobilização para pressionar o novo governo se fortalece.

As políticas para a escola pública dialogam diretamente com o mundo do trabalho. Em nossa sociedade a instituição é a responsável pela formação para o ingresso no mercado laboral, que, no Brasil, para muitos ocorre ainda durante a educação básica e não passa necessariamente pela transição para o Ensino Superior (Tommasi e Corrochano, 2020). A mobilização em defesa da educação pública de qualidade – esta entendida aqui em termos de justiça social, cidadania e reflexividade –, se soma a um mercado de trabalho com taxas de desemprego de 8,4% (IBGE, 2023) e informalidade de 39,8% nas quais jovens representam a maioria (Vahdat et. al, 2022). Segundo o IBGE, 30,3% das pessoas que têm entre 18 e 24 anos estão desocupadas e de acordo com o Dieese 15% dos brasileiros de 15 a 29 anos configuram o grupo dos “nem-nem”, que não frequentam a escola formal, nem estão ocupados. É neste contexto que se insere o tema deste ensaio: a relação entre jovens estudantes do Ensino Médio da rede pública e o trabalho, especificamente suas expectativas de futuro no mercado de trabalho.

Para tratar disso, traçamos algumas reflexões a partir da análise da produção dos últimos dez anos na área das Humanidades no Brasil a respeito deste tema. Em poucas

palavras, o objetivo central é apresentar se, e de quais formas, as possíveis articulações teórica-empíricas dentro deste tema têm sido produzidas. O levantamento bibliográfico parte do argumento de que, principalmente diante do NEM, o campo das Ciências Sociais necessita fortalecer a articulação entre as intencionalidades (diretrizes políticas) e subjetividades (estudantes protagonistas) da escola pública, para ser possível construir a crítica e influenciar alternativas possíveis. A pesquisa foi realizada na plataforma Scielo, buscando produções publicadas no Brasil, na língua portuguesa, na área de Ciências Humanas, no período de 2012 a 2022. Após a análise de resumos foram selecionados 13 trabalhos que compõem o objeto da reflexão proposta.

O ensaio está dividido em cinco sessões, incluindo esta breve introdução. Na segunda parte, exponho o desenho da reflexão desenvolvida neste trabalho, das suas motivações e concepção até a sua realização prática e os desdobramentos que sucederam a partir de resultados exploratórios. Em seguida, é apresentada a pesquisa realizada nas bases de dados, sua metodologia e resultados. Na terceira seção, analisamos os trabalhos encontrados. Na sequência são mobilizados conceitos-chave e produções teóricas que constroem a perspectiva adotada para a análise aqui presente. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

O PERCURSO DA PESQUISA (ou da “sinceridade metodológica”)

O que jovens estudantes do Ensino Médio têm a dizer sobre suas perspectivas de futuro e trabalho? Esta é a questão que orientou a concepção deste trabalho. Nos últimos vinte anos, no Brasil, assistimos à expansão do EM e do acesso à Universidade, com a criação das políticas de Ações Afirmativas; ao mesmo tempo em que se difundiu, desde a Europa central para todo o ocidente, uma nova política para a educação básica, esta direcionada à preparação de competências para um mercado de trabalho flexível (Gentili, 1995).

Desde os anos 1990 são muito analisadas e debatidas as reformas implementadas a partir de orientações do Banco Mundial e outras instituições privadas, especialmente em documentos como o Relatório Delors (1996). A lógica de mercado se emaranhou não apenas no Estado Gerencial (Lima e Gandin, 2012), mas também em outras esferas da vida, tornando-se uma nova gramática na constituição do sujeito, agora orientados para o autogoverno, gerenciamento do capital humano, o *self-enterprise* (Bröckling, 2005). Essa racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016; Gago, 2018) tem produzido mudanças significativas na educação, justo porque é um espaço privilegiado para a formação de subjetividades. Se é fundamental para esta nova sociedade pós-fordista que se formem sujeitos flexíveis e competitivos, é pela escola que se deve começar.

O NEM, considerado o contexto político e social em que se desenvolve, é mais um capítulo das mudanças na orientação do sentido da escola que começaram ainda na virada do século. Há um consenso na literatura crítica de que esse formato de educação não forma cidadãos, muito menos sujeitos capazes de pensar a si e ao mundo com autonomia, reforçando desigualdades sociais, como indica Frigotto (2022):

No caso da atual contrarreforma do ensino médio, os itinerários não só fragmentam, mas, sob o argumento de que agora o jovem será protagonista de suas escolhas, dissimulam que a intencionalidade é empurrar a maioria dos jovens para o quinto itinerário – formação técnica e profissional. Na verdade, dos cinco itinerários formativos, os quatro primeiros seriam para a formação geral ideal e, o último, para a profissionalização. Para este é que será conduzida a maioria dos jovens, com a propaganda que se tornarão supostamente “mais empregáveis”. Um termo dissimulador, porque o empregável não necessariamente será empregado. E se empregado será – nas condições em que as escolas, mesmo com parcerias, poderão oferecer o ensino técnico profissional –, será para os trabalhos simples de baixos salários. Por fim, o “novo ensino médio” é uma traição aos jovens atuais e futuras gerações, pois lhes impõe uma dupla barreira: o acesso à universidade e ao trabalho complexo.

Sem esquecer, claro, que tão pouco a educação anterior era garantidora de tal coisa. Pode-se pensar em termos da reprodução bourdieusiana para não cair no equivoco de que há um bom lugar para retornar. Regressando ainda mais, lembrar do próprio surgimento e universalização da escola pública, que objetivou formar sujeitos disciplinados e trabalhadores para a reprodução da sociedade capitalista. Tal crítica generalizante não tem a intenção de retirar o papel fundamental que a escola, especialmente contextualizada no Brasil, cumpre como lugar de integração, acolhimento e sociabilidade juvenil. Mas, sim, indicar que o que as reformas neoliberais fizeram, e fazem agora mais uma vez com o NEM, é a atualização de um modelo já problemático para que siga cumprindo da melhor maneira a sua “função”. Para nós, professoras, pesquisadoras, estudantes que teimamos carregar um otimismo freiriano, o estado das coisas fica cada vez pior quando, na nossa impressão, parecia existir alguma esperança de outros caminhos.

Não se constrói uma nação economicamente forte e socialmente democrática sem dar aos seus cidadãos as bases de conhecimento historicamente conseguidas pela humanidade. O longo processo de colonização e de escravidão formou uma cultura de desprezo a quem efetiva o trabalho produtivo na indústria, nos serviços e na agricultura. Uma cultura que se define pelo autoritarismo e, como assinaléi acima, por um projeto de capitalismo dependente. A negação da educação básica universal e de qualidade não é um descuido, mas uma condição de manter a dominação e o privilégio (Frigotto, 2022).

Apesar de os textos oficiais fazerem referência à formação integral dos sujeitos, retornou à cena o foco nas competências. Na BNCC 2018, estão presentes os princípios do “desenvolvimento humano global” e da “formação integral do estudante”. Dessa forma, *aparentemente* é mantida a centralidade dos e das estudantes como sujeitos do processo educativo. Contudo, essas “intenções” convivem com concepções pedagógicas vinculadas ao mundo empresarial. Segundo Ferreira (2017), a nova reforma resgataria o espírito das políticas educacionais para o ensino médio brasileiro da ditadura varguista, da ditadura militar e das contrarreformas dos anos 1990 e, além disso, foi forjada por um grupo restrito de atores, ligados a interesses mercantis e privatistas, com uma proposta que tende a aprofundar as desigualdades escolares, reforçando o abismo entre instituições públicas e privadas. Como afirma a autora, as políticas para a educação ao longo do século XX foram marcadas por uma formação aligeirada e/ou reducionista. Na década de 1990, era recorrente a ideia da relação intrínseca entre educação como forma de melhorar a distribuição de renda e como requisito para a empregabilidade.

Nos últimos 50 anos, tanto no Brasil como em outros países mais desenvolvidos, a visão sobre a educação assumiu um contorno mais mercantilista, uma presença forte na perspectiva de produção de recursos (conhecimentos e competências) com eficácia e eficiência. Recursos esses tanto úteis para os indivíduos em termos de inserção profissional quanto para toda a sociedade na competição global. Essa contradição foi vivenciada durante o período dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), que procurou uma difícil conciliação entre esses interesses com uma política de direito à educação. Mas ao contrário dos governos anteriores, foi priorizado o protagonismo dos movimentos sociais, sindicatos, associações acadêmicas e científicas. (Ferreira, 2017, p. 298)

Diante desta escola que forma para o mercado, para o (des)emprego, ao invés de uma preparação integral do sujeito para a cidadania, sabemos o que pensamos nós. O que pensam os jovens que experienciam ela? Como a educação pública, nos moldes em que se apresenta especialmente agora com o NEM, impacta nos sentidos atribuídos ao trabalho e formação profissional? Saber também o que perspectivam as e os estudantes para a vida e o trabalho depois da educação básica é central se quisermos formular possibilidades diferentes. Dessa forma, **desejávamos** contribuir neste sentido a partir de conversa com jovens do 3º ano do Ensino Médio da rede pública de Porto Alegre, afim de saber o que desejam e vislumbram em seus horizontes de possibilidades.

Duas hipóteses rondam meus pensamentos há alguns anos e se reforçaram durante o estágio obrigatório do curso de licenciatura na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ainda que esta modalidade de educação não possa ser comparada com o EM por diversas razões. Em primeiro lugar, em minhas vivências em três escolas públicas (Ernesto Dornelles, Anne Frank e Mascarenhas de Moraes), durante estágios, bolsa PIBID e trabalhos de observação para disciplinas da faculdade, assim como em conversas com diversas colegas ao longo da graduação, percebi que a juventude empobrecida não enxerga lugar para si nas Universidades públicas e, inclusive, desconhece a possibilidade de acesso através das cotas e cursinhos populares. As Universidades e Faculdades particulares demandam um gasto que a maioria não pode arcar, portanto o mercado de trabalho após o EM (quando não durante) é o destino mais realista para a maioria. De fato, a noção de crise e desafios para a empregabilidade hoje é muito presente nos jovens estudantes, revelam estudos como Souza e Vasquez (2015), Correa e Cunha (2018) e Gawryszewski (2021).

A segunda hipótese é a de que o Ensino Superior pode estar perdendo lugar nos projetos da juventude, também, porque se tornou desinteressante, na medida em que ter um diploma não é mais garantia de emprego e o imaginário do empreendedorismo abre novas formas de inserção no mercado. Mesmo diante do alto índice de desemprego

entre portadores de diplomas de ES e até doutores, é fato que estes ainda possuem vantagens enormes sobre aqueles que apenas têm o EM completo, como mostra Reis (2023). Os dados disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que informam o número de inscritos em todas as edições do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mostram uma queda importante nos últimos anos: na edição de 2016 foram mais de oito milhões de jovens inscritos, na última, em 2022, foram pouco mais de três milhões (com um terço de abstenção). Somado a isso, no Brasil apenas cerca de 20% da população adulta (25 a 34 anos) possui diploma de ensino superior (Senkevics, 2021).

Durante o primeiro estágio docente, realizado na EJA da escola Anne Frank (PoA), uma situação em particular chamou minha atenção, e vai ao encontro de tal hipótese. Durante o planejamento das aulas que ministraríamos (eu e outro colega estagiário da Filosofia) para a turma da terceira etapa, que representa algo como o 3º ano do EM, a professora responsável nos orientou a trabalhar conteúdos clássicos que costumam ser exigidos no ENEM. Mais do que o espanto desses conteúdos não terem sido trabalhados com esta turma na primeira etapa (mas seria preciso desviar o assunto para falar da forma como a Sociologia não era mobilizada, em uma “miscelânea” de ciências humanas ministradas por apenas uma docente), nos surpreendemos quando em aula perguntamos quem na turma planejava fazer vestibular e acessar a Universidade: apenas um aluno. A EJA tem suas particularidades e a imensa maioria de quem a acessa trabalha, sendo este o fator mais recorrente para não terem dado conta de acompanhar o ensino regular. Este aluno, que sonhava fazer a graduação em matemática na UFRGS, não era um caso diferente. Nos últimos anos o perfil discente desta modalidade de ensino sofreu importantes mudanças, como o aumento da frequência de jovens, fenômeno que tem sido denominado por alguns como “juvenilização da EJA” (Araújo e Coutrim, 2022), e de trabalhadoras(es) já inseridos no mercado de trabalho.

Porém, não é só como se os jovens simplesmente desistissem, o Ensino Superior não tivesse mais razão de ser. O enfraquecimento do ES como horizonte parece se articular bem com as novas demandas do mercado de trabalho sob a fase neoliberal e com a nova escola que essa sociedade requer. Atualmente tem sido incontornável falar de trabalho e emprego sem entender o papel social que ocupa hoje o empreendedorismo. Muito distante do entendimento dos economistas dos séculos XVIII e XIX, especialmente do grande formulador do que se entende por empreendedor ainda hoje,

Joseph Schumpeter; o empreendedorismo hoje se tornou uma ideologia, pode ser visto também como uma racionalidade, tomou conta da forma como todos os sujeitos organizam sua existência – ou ao menos como se espera que organizem. Nos tornamos sujeitos-empresa, nos autodisciplinamos e regulamos (a governamentalidade foucaultiana), nos valorizamos como um capital que deve ser sempre reinvestido para manter seu valor no mercado e estamos em formação contínua para desenvolver as habilidades necessárias nesta nova economia flexível e dinâmica. É para essa vida, para ser esse tipo de sujeito, que a escola passou a ser preparatória.

Aliado a esta nova educação, cursos técnicos abundam e são muito procurados pelos jovens (Gawryszewski, 2021), e as faculdades privadas e ensino à distância também pavimentam o mesmo caminho da formação rápida, direcionada e facilitadora da produção de mão de obra mais barata para este mercado. A exemplo disso, pesquisa realizada em 2021 com 802 profissionais de empresas privadas mostrou que 29% das empresas avaliadas têm mais da metade de suas vagas orientadas para nível médio/técnico¹. Além disso, toda habilidade é passível de ser capitalizada, como podemos observar em novos trabalhos que surgem com o desenvolvimento das tecnologias digitais, como os influenciadores e youtubers. **Se você quiser muito e se esforçar o suficiente** pode ganhar muito dinheiro e se realizar profissionalmente fazendo qualquer coisa.

O “fetiche da capacitação do jovem para um mercado de trabalho de poucas oportunidades” (Sposito; Carrano, 2003, p.71) também aparece em outros programas, como o Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, e o Capacitação Solidária. A qualificação profissional aparece como promessa de empregabilidade, ao mesmo tempo que a noção de competência, forjada no ambiente empresarial ganha força (Hirata, 1994). No contexto da acumulação flexível, onde o controle seria realizado por objetivos e resultados, para além de conhecimentos formais, caberia aos trabalhadores apresentar habilidades “cognitivas e comportamentais, tais como iniciativa, responsabilidade, autonomia, criatividade, cooperação, liderança, flexibilidade etc., para lidar com tarefas cada vez mais abstratas e complexas” (Tartuce, 2004, p.356). (Tommasi e Corrochano, 2020, p.356)

Nesse sentido, como a juventude que está nesta etapa transitória, no começo da vida profissional, nesse primeiro degrau de onde encara toda a vida; qual lugar atribuem ao ES e à continuidade dos estudos? O que pensam sobre trabalho e empreendedorismo? Para entender isso, investigar o impacto do NEM nas escolas e

¹ Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/Dados/2022/07/12/A-contrata%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-com-ensino-m%C3%A9dio-e-t%C3%A9cnico-pelo-mercado-de-trabalho>

como nelas se desdobrou a tão (mal) falada disciplina “Projetos de Vida” parece um caminho fundamental. O que os estudantes têm a dizer sobre estas mudanças?

Este é o fio condutor de uma pesquisa que “seria”, se imposições da realidade não tivessem cruzado seu caminho. Diante da impossibilidade de realizar a pesquisa de campo com estudantes, foi feito um recuo, mas que surpreendentemente pode ter nos levado mais longe. Como foi dito, apresentaremos aqui análise de revisão bibliográfica da produção a respeito de jovens no EM e sua relação com o trabalho, e chegamos a isto através da etapa de leituras para construção da pesquisa que “não foi”. Ao deparar com quase nenhuma pesquisa empírica que trouxesse pistas para o campo planejado, a justificativa e necessidade de tal abordagem (escuta de jovens) se fez ainda mais latente. Sendo assim, optou-se por transformar a lacuna identificada na própria pesquisa. Sendo um contratempo que, é claro, resultou em redução de tempo para planejamento e escrita, optou-se por não analisar a bibliografia encontrada em seu conteúdo, mas sim apresentar o que já foi feito, onde e com qual metodologia. Dito isso, no entanto, alguns dos artigos que compõe o objeto de análise foram também leituras importantes para fundamentar as reflexões expostas aqui, como Gawryszewski (2021) e Correa e Cunha (2018).

A PRODUÇÃO NO CAMPO: COMO E QUANTO SE ESCUTA A JUVENTUDE?

Levantamento da produção no campo

Das diversas frentes, tanto disciplinares quanto teóricas, em que a temática da juventude e trabalho no Ensino Médio pode ser estudada interessa nesta investigação duas chaves específicas. A primeira, é a perspectiva dos próprios jovens estudantes do EM sobre a formação escolar e sua vinculação com a elaboração de projetos de futuro através do mercado de trabalho. Somada a esta, a produção do campo específico das Ciências Sociais (Sociologia, Ciência Política e Antropologia), com ênfase nos estudos de educação e trabalho, a respeito dessa temática **através de pesquisas empíricas**. Para verificar o que cientistas sociais brasileiros têm publicado sobre o assunto, foi escolhida a plataforma Scielo, por ser a maior aglutinadora da produção acadêmica nacional. Observa-se que para uma pesquisa mais ampla poderia ser acrescentada a busca na plataforma Banco de Teses e Dissertações (BDTD), que reúne todas as pesquisas realizadas na pós-graduação brasileira. No entanto, optou-se aqui por restringir às pesquisas que ganharam forma de artigo científico com revisão de pares e, portanto, são consideradas mais passíveis de ampla leitura e circulação acadêmica. A pesquisa foi orientada pelas palavras-chave consideradas mais relevantes sobre o tópico de interesse e foram acrescentados filtros para obter-se apenas o espaço-tempo desejado.

Dos resultados encontrados, conforme mostra a Tabela 1, restaram 13 trabalhos que atendem aos critérios estabelecidos. Conforme indicado abaixo (colunas), a ordem da análise empregada na busca se deu: 1) a partir dos resultados das palavras-chave, 2) foi aplicado filtro espaço-temporal e, após isso, 3) análise, através dos títulos e resumos, daqueles que atendiam a temática pretendida. A respeito do filtro "Ciências Humanas", apesar do objetivo inicial ser voltado às Ciências Sociais, foi utilizado este mais abrangente devido aos quase nulos resultados quando restrita a pesquisa a área pretendida (analisaremos esta questão em seguida). Os trabalhos selecionados trazem pesquisas empíricas com jovens a respeito da relação estudantes de ensino médio e trabalho, mercado de trabalho, futuro de trabalho, empreendedorismo, e demais terminologias correlatas circunscritas à questão da visão da juventude sobre suas possibilidades de vida e trabalho. Por fim, chegamos ao número treze ao eliminar repetições de trabalhos que foram encontrados em mais de uma palavra-chave.

Tabela 1 - Processo e Resultados Pesquisa na base Scielo

Palavras-chave	Achados	Filtros Scielo	Achados	Filtro Analítico	Achados	Selecionados
Estudo AND Trabalho AND “ensino médio”	277	Brasil; Português; Ciências Humanas; 2012-2022	56	Educação e Trabalho no Ensino Médio	4	13
Educação AND Trabalho AND Jovens	422		122		14	
Empreendedorismo AND Jovens	25		3		0	
Juventude AND Trabalho	366		76		6	
Juventude AND Ensino Médio	84		38		7	
Educação AND Empreendedorismo	94		24		0	
“Ensino médio” AND Trabalho	654		198		12	
“Ensino médio” AND Empreendedorismo	4		2		0	
“Ensino médio” AND “Mercado de trabalho”	14		6		4	
Estudantes AND “ensino médio” AND trabalho	218		49		4	
Estudantes AND ensino médio AND empreendedorismo	0		0		0	
Estudantes AND empreendedorismo	55		1		0	
Jovens AND “Ensino Médio” AND Empreendedorismo	0		0		0	
Educação AND “Projeto de Vida”	21		7		0	
“Ensino Médio” AND “Projetos de Vida”	9		5		2	
Juventude AND “Projetos de vida”	22		9		3	
“Novo Ensino Médio”	13		7		0	

Análise da produção no campo

A primeira questão que chama a atenção é a escassa quantidade de produções encontradas, conforme já mencionado. A quantidade de termos buscados e sua heterogenia (como, por exemplo, "novo ensino médio" e "projetos de vida") é fruto deste vazio, que levou a ampliar as possibilidades na tentativa de mais achados. Ampliação de forma semelhante ocorreu em relação a área de estudos, pois identificamos que o campo da Educação domina a produção sobre o tema pesquisado.

As principais características das pesquisas encontradas se encontram na Tabela 2 e serão analisadas em seguida.

Tabela 2 - Trabalhos Selecionados

Título	Ano	Autoria	Periódico
A política educativa e seus efeitos nos tempos e espaços escolares: a reinvenção do ensino médio interpretada pelos jovens	2018	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Educação (grad. CSO) Doutora em Educação (grad. Pedagogia) 	Educação em Revista
A prova social da escolarização entre jovens de escolas públicas: trabalho e interatividade sociável nas periferias de Porto Alegre	2021	Doutor em educação (grad. CSO)	Revista Brasileira de Educação
Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro	2016	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Educação, Pós-doutorado em CSO (grad. Serviço Social) Mestre em Educação (grad. Pedagogia) 	Educação & Realidade
Estudar e Trabalhar: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis	2020	<ul style="list-style-type: none"> Mestre em Sociologia (-) Doutor em Ciência Política (-) Doutora em Educação (grad. CSO)* 	Novos Estudos (CEBRAP)
Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho	2015	<ul style="list-style-type: none"> Doutor em Desenvolvimento Econômico (grad. Adm Pública) Doutor em Sociologia (grad. CSO) 	Educação e Pesquisa
Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior	2013	Doutora em Educação (grad. CSO)*	Avaliação
Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio	2013	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Educação (grad. Pedagogia)** Doutor em Políticas Públicas (grad. Engenharia Civil) Doutor em Educação (grad. Pedagogia) 	Educação e Pesquisa
Juventude, Escola e Trabalho: Sentidos da Educação Profissional integrada ao Ensino Médio	2016	<ul style="list-style-type: none"> Doutor em Educação (grad. Ciências Contábeis, ADM, Let) Doutora em Educação (grad. Pedagogia)** 	Educação em Revista
O Desafio de Conciliar Trabalho e Escola: Características Sociodemográficas de Jovens Trabalhadores e Não-trabalhadores	2016	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Psicologia (grad. Psicologia) Doutor em Psicologia (grad. Psicologia) Doutora em Educação (grad. Psicologia) 	Psicologia: Teoria e Pesquisa
O Ensino Médio e a precocidade do trabalho juvenil	2018	Doutor em Educação (grad. CSO)	Educar em Revista
Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a	2016	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Educação (grad. Pedagogia) 	Educação & Realidade

Escola		<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Psicologia (grad. Psicologia) 	
Trajatórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio	2015	<ul style="list-style-type: none"> Doutor em Educação (grad. Ed. Física) Doutora em Sociologia (grad. CSO) Doutora em Educação (grad. História) 	Educação e Pesquisa
Transição para o ensino superior: aspiração dos alunos do ensino médio de uma escola pública	2016	<ul style="list-style-type: none"> Doutora em Educação (grad. Pedagogia) Doutora em Sociologia (grad. CSO) 	Educar em Revista

A primeira característica que se destaca é a concentração regional das pesquisas. A partir dos resumos que informam o local das pesquisas empíricas realizadas, de onde vêm os jovens escutados, constata-se que predomina a região Sul e Sudeste do país, especificamente: Porto Alegre (1), Curitiba (1), Minas Gerais (2), São Paulo (4), Rio de Janeiro (1). Apenas 1 estudo realizado em Fortaleza e 1 em Recife, além de 2 não informados no resumo.

Merece menção o fato de que o conceito de "empreendedorismo", que foi o assunto disparador do interesse dessa pesquisa, não foi encontrado como elemento destacado em nenhuma pesquisa encontrada. O fato chama atenção porque, como afirmamos anteriormente, nas últimas décadas essa forma de trabalho que também é uma nova razão para ler e agir no mundo ganha cada vez mais protagonismo em nosso dia a dia e discussões teóricas. Mais importante ainda, ele é, em última instância, a lógica que engendra o NEM e diversas políticas para a última etapa da educação básica nos últimos 20 anos.

Enfim, observamos que das 27 autorias, 11 tem formação nas ciências sociais, com doutorado em Educação (5), Sociologia (3), Ciência Política (1) e mestrado em Sociologia (1); 11 têm doutoramento e 1 mestrado em Educação, advindos das áreas de Pedagogia (7), História (1), Serviço Social (1), Educação Física (1), Psicologia (1) e Ciências Contábeis/Administração/Letras (1); 4 têm formação em Psicologia; 1 é administrador público doutorado em Desenvolvimento Econômico; e 1 é engenheiro civil doutorado em Políticas Públicas. Também os periódicos onde as publicações estão divulgadas são, com exceção de apenas 2, todos da área da Educação.

Seria pertinente verificar as razões que levam a esta concentração e, mais ainda, o porquê de o campo da Sociologia, especialmente do Trabalho, não se inserir na

investigação e debate sobre a educação e formação para o trabalho. Isso parece reforçar a impressão de que as Ciências Sociais tendem a criar nichos temáticos e obstáculos para interlocuções e interdisciplinaridade. Uma forma de produção que só tem a perder, ao não articular a riqueza de diálogos que emergem do encontro entre juventude, educação e trabalho. Em relação a isso, seria possível abrir um leque de discussões sobre o campo das Ciências Sociais e suas tendências históricas em relação à formação de professores-pesquisadores e à produção científica. Um esforço analítico e teórico que certamente exige mais do que pretendo e poderia realizar neste espaço. Ainda assim, cabe pincelar algumas reflexões.

Nós cientistas sociais sabemos por vivência, mas também pelas pesquisas sobre nós mesmas conduzida por pares, que nosso campo tem pouca predileção pela pesquisa empírica (Soares, 2005; Cano, 2012; Rosa e Ribeiro, 2020). Mais do que isso, é privilegiada a produção de teoria, o que resulta em maior conhecimento erudito do que técnico, como apontado por Cano (2012, p. 112):

O tipo ideal de cientista social erudito que parece ser promovido em alguns círculos, caracterizado pela sua habilidade para citar autores e sua brilhante oratória muito mais do que pela sua capacidade de fundamentar empiricamente suas afirmações, não parece muito distante do estilo do ensino no direito ou na filosofia. É o argumento, e não o dado, que faz a diferença.

De modo que não foi surpreendente, ao desejar pesquisar a perspectiva da juventude sobre seus projetos de vida, não encontrar significativa produção no campo da sociologia – para focar no campo em que me insiro. Não é objetivo deste trabalho aprofundar neste aspecto, que certamente requer uma análise mais rigorosa, contudo importa pontuar que a falta de escuta de atores sobre os quais falamos é recorrente e problemática. Defendo isso com base nos achados desta pesquisa, embora muito estrita a uma questão dentro de uma ampla temática, mas que já ajuda a perceber o problema, especialmente se comparada com a produção puramente teórica a respeito do mundo do trabalho e “empreendedorismo sob a lógica neoliberal”.

A sociologia, talvez mais que a ciência política, abraçou uma perspectiva “qualitativa”, mas muitos trabalhos ditos qualitativos são, apenas, trabalhos não-quantitativos. Muitos se esquecem que *há métodos qualitativos rigorosos*, e confundem ensaísmo com trabalhos que usam *métodos* qualitativos. Deixaram o rigor que deve existir na antropologia e a tradição de pesquisa de campo na ilusão de que, não sendo quantitativos, seus trabalhos seriam antropológicos... WerneckVianna e colaboradores excetuam as teses de antropologia, salientando que, nas demais ciências políticas e sociais, essas tradições não existem. (Soares, 2005, p. 3, grifos do autor)

Ao fazer a crítica, me incluo na autocrítica, como estudante e pós-graduanda que tem investigado dentro do campo do autoempreendedorismo na Sociologia do Trabalho há poucos-mas-significativos anos. A literatura é farta e de Marx à Foucault, com toda produção atual dos dois campos teóricos, temos significativa leitura sobre o momento atual do capitalismo e seus desdobramentos nas diferentes esferas da vida, em especial o campo de estudos da educação (Silva, 2019). No entanto, parece fazer falta produções com enfoque no que os sujeitos de nossas formulações teóricas têm a dizer. Sabemos das contradições e abundam indicadores que demonstram a precarização da vida, em especial a de jovens, no entanto é fundamental investirmos em conhecer o que elas e eles significam diante deste contexto.

Embora a disponibilidade de dados de natureza probabilística sobre a realidade socioeconômica da juventude no Brasil seja farta, o reconhecimento das dinâmicas que norteiam seu engajamento fluído na força de trabalho e suas jornadas laborais despadronizadas carece, muitas vezes, da escuta do discurso juvenil. Esta lacuna, porém, foi recentemente coberta pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), que atualizou este quadro analítico mais abrangente, em que reflexões teóricas, condições objetivas e percepções dos jovens trabalhadores se associam. A iniciativa se baseou em um levantamento primário realizado entre fins de 2020 e primeiro trimestre de 2021 e trouxe em seus resultados tanto a vigência da transição entre escola e trabalho para a compreensão das primeiras incursões produtivas, quanto à contundência trazida pela crise a este trânsito no cotidiano, imaginário e projeções feitas pela juventude. (Sousa, Marcolino e Garcia, 2022)

Nos últimos anos o campo de estudos sobre a juventude ampliou o consenso de que, não apenas mera etapa da vida compartilhada por todos, *juventude* é um conceito aberto e múltiplo (Brenner e Carrano, 2014) e que remete a sujeitos com autonomia, protagonismo e habilidades para construir projetos de vida. Tal concepção de jovem se insere no quadro de novas subjetividades que se conformam a partir do capitalismo contemporâneo, de razão neoliberal. Dessa forma, para explicarmos a relação entre juventude e trabalho são imprescindíveis novas leituras e formulações teóricas, para as quais a ferramenta empírica da escuta deve ser central.

O país tem problemas sérios. O crime e a violência atingiram patamares muito altos e continuam crescendo; o sistema político funciona mal, e é grande o descrédito dos políticos; os partidos estão fragilizados; o sistema educacional é elitista e ineficiente etc. As ciências políticas e sociais têm a oportunidade e, na minha concepção, o dever de contribuir para a solução desses problemas. Não obstante, uma parte considerável dos cientistas políticos e sociais se dedica a um *divertissement* intelectual que, na melhor das hipóteses, é ortogonal aos problemas do país e, na pior, contribui para desviar mais e mais recursos, inclusive intelectuais, da solução desses problemas. Essas pessoas vivem num mundo pedante e alienado, onde o conhecimento excêntrico é valorizado, e o trabalho duro e a pesquisa séria

são desprestigiados. Importa mais repetir “os clássicos” e os autores que estiverem na moda do que inovar, pesquisando o país. (Soares, 2005, p.42)

Fábio Wanderley Reis vai mais longe, citado em Soares (2005, p. 43), e afirma que políticas educacionais ou habitacionais do Estado são “exemplos de áreas temáticas das ciências sociais para as quais a preocupação de relevância se voltaria naturalmente e que se acham, no entanto, frequentemente caracterizadas pelas denúncias monótonas de certo ‘esquerdismo’ banal”. É importante ponderar, contudo, que o momento em que escrevia Soares, mais ainda Reis (1994), falam de uma realidade que já foi em muito transformada, especialmente pelo desenvolvimento de novas tecnologias que permitiram avanço na obtenção e tratamento de dados. Algo que, na verdade, já era vislumbrado pelo próprio cientista político em 2005, e que enxergava nisso um caminho promissor para remediar os problemas diagnosticados por ele:

Porém, o início da mudança talvez esteja à vista, com a integração de trabalhos qualitativos e quantitativos. Há um mundo novo de dados requerendo um tratamento quali-quantitativo. O processamento quantitativo de informações, tradicionalmente, só era aplicável a uma porcentagem muito reduzida dos dados existentes. Não havia nada nos dados que os tornasse “inquantificáveis”, pelo menos no nível mínimo binário de “x” e “não-x”. Porém, a massa de dados não era armazenável fora de grandes edifícios que serviam como bibliotecas, arquivos públicos e de empresas, museus, filmotecas etc. No entanto, alguns desenvolvimentos permitiram mudanças drásticas nesse cenário:

- crescimento exponencial da velocidade de processamento;
 - crescimento exponencial da capacidade de armazenagem;
 - possibilidade de escanear rapidamente documentos escritos;
 - desenvolvimento de softwares que permitem ler, codificar e classificar mega quantidades de informações, e
 - crescimento exponencial das informações disponíveis pela internet.
- (Soares, 2005, p. 48)

Dessa forma, a defesa assumida aqui da investigação empírica, como em relação ao tema da juventude e o trabalho, se insere no contexto das discussões epistemológicas de nosso campo. Especialmente, parte da crítica, quase tão antiga quanto a existência da Sociologia, sobre sua inclinação ensaística e dialoga com o debate contemporâneo a respeito dos dilemas ontológicos da teoria social hegemônica. Parte desta discussão nos instiga a pensar a sociologia como uma ciência orientada e orientadora de uma teoria “aberta, tensa e incerta”, nos termos de Rosa (2022), na qual “elementos causais modernos da sociologia hegemônica podem ou não estar presentes e, mesmo estando, precisam emergir de necessárias e demonstráveis causalidades empíricas e não de um pressuposto teórico-metodológico” (p. 891). Uma sociologia orientada a partir de uma

ética da ontoformatividade, uma “postura intelectual aberta que assume que toda a sociologia pode e deve ter impactos teóricos produzidos pela empiria” (p. 894). Não sendo possível adentrar este debate no espaço deste trabalho, mobilizo as reflexões de Rosa na medida em que apontam para a centralidade da pesquisa empírica no desenvolvimento das ciências sociais.

O ETHOS AUTOEMPREENDEDOR E A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA COMO INVESTIGAÇÃO DA JUVENTUDE

A prática liberal de governar, segundo Foucault (2008), joga com a liberdade dos sujeitos, a quem é preciso controlar e ao mesmo tempo incentivar a agir. É possível compreender Beckert (2017) nesta mesma direção, quando afirma que a economia capitalista funciona a partir de “expectativas ficcionais”, que fazem os sujeitos econômicos agirem de forma não racionalmente calculada: é a promessa de sucesso e riqueza perspectivada para o futuro, nem um pouco garantida, que os mantém em movimento. O empreendedorismo, como ideologia que sugerem Ferraz e Ferraz (2022), opera dentro dessa lógica e é bem sucedido porque mantém a classe que vive do trabalho fiel a expectativa de futuro promissor. Mas os sujeitos, não sendo máquinas, colhem os resultados dessa racionalidade no seu adoecimento mental. Como Bueno (2021) aponta, não somos mais neuróticos como identificava Freud, somos deprimidos: “If, as Freud thought, ‘a person becomes neurotic because he cannot tolerate the amount of frustration which society imposes on him,’ he becomes depressed because he must tolerate the illusion that everything is possible for him” (Ehrenberg 2010 [1998] *apud* Bueno, 2019, p.48). Partindo destes diagnósticos e diante da precarização da vida, somos instigados a pensar: como os sujeitos significam o trabalho em suas vidas hoje? Que perspectivas de futuro são vislumbradas?

Os significados atribuídos à prática daqueles que empreendem, assim como o papel desempenhado por essa atividade econômica, se alteraram desde que o termo empreendedorismo foi utilizado pela primeira vez no século XVIII. Um marco importante nessa história foi a contribuição de Schumpeter, que atribuiu ao empreendedor ares superdotados ao caracterizá-lo como um indivíduo criativo, desafiador, proativo e revolucionário. Weber em sua sociologia econômica também tratou da questão dos empreendedores, analisando as motivações dos indivíduos para essa atividade a partir da perspectiva dos valores que orientam os sujeitos. Atualmente, e inversamente aos anteriores, concepções críticas se destacam na discussão desse conceito que, de tantos usos, geralmente se vê esvaziado de sentido. Cabe destacar que mobilizamos “empreendedorismo” aqui no sentido de uma lógica, uma moral que orienta a ação, e não a noção de uma atividade econômica, tipo de trabalho, ou característica empresarial.

De um lado, compreende-se o empreendedorismo como ideologia, a partir da abordagem materialista histórica dialética. De outro, insere-se a análise dessa atividade no contexto de uma racionalidade neoliberal que produz o fenômeno do autoempreendedorismo (sujeito empresa de si), que parte das contribuições de Foucault e são refinadas por formulações mais recentes como as de Dardot e Laval (2016) e Véronica Gago (2018). Para estes, as políticas neoliberais alteram radicalmente o modo de exercício do poder governamental, assim como as regras de funcionamento do próprio capitalismo, revelando uma subordinação a certo tipo de racionalidade política social articulada à globalização e à financeirização do capitalismo. A razão neoliberal explicaria como a articulação entre os “governos progressistas”, os movimentos sociais e a financeirização da vida popular formou uma paisagem em que a produção de direitos e a inclusão social se realiza por meio da mediação financeira e do consumo (GAGO, 2018). Não é nossa intenção aprofundar a discussão a respeito do conceito e seus usos, a não ser pontuar que compartilhamos a perspectiva crítica de que vivemos um momento de pauperização da vida e o ideal de sujeito empresa de si mesmo é característico desse tempo, seu produto e produtor.

No Brasil, onde não houve a consolidação de um Estado de bem-estar e o assalariamento não se generalizou, trabalhos precários (os bicos, a viração) sempre foram realidade para grande parcela da população. Nos últimos anos, o Estado criou mecanismos, como a lei do Microempreendedor Individual (MEI), a fim de resolver a informalidade. Por certo um movimento virtuoso ao garantir proteções e direitos sociais. Por outro lado, pode ser concebido como uma política de desemprego, ou o empreendedorismo tornado política de emprego (Rosenfield, 2015; Damion, 2021). O Brasil é o 5º país com maior taxa de empreendedorismo (GEM, 2021) e das mais de 19 mil empresas registradas 70% são MEI. Dentre as empresas nascentes, 50% foram classificadas como “por necessidade” em 2021, uma taxa que historicamente se repete (GEM 2021). Estes números ocorrem em um cenário de alto desemprego que atinge principalmente mulheres e jovens, e a necessidade de gerar renda leva muitos a abertura de micro empreendimentos e muitos mais a trabalhos informais.

Aponta o relatório GEM de 2007 que são as transformações no mundo do trabalho que tornam a atitude empreendedora um atributo necessário para qualquer trabalhador, mesmo para os que trabalham no setor formal. “Os empregos estão migrando de setor. No Brasil, em 1970, segundo o IBGE, a maioria dos empregos do país estava na indústria. Hoje, segundo a PNAD 2006, esse índice é pouco superior a 14%. É um novo modelo de emprego que

surge: o empreendedorismo. É difícil sobreviver na sociedade globalizada fora desse modelo” (GEM, 2008, p.86-7). (Tommasi e Corrochano, 2020)

No âmbito da educação, o modo de produção fordista tinha na educação formal uma perspectiva integradora vinculada à tese do pleno emprego e a qualificação profissional, o que permitiria o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos e

aos indivíduos a garantia de melhores empregos, maior produtividade e, por essa via, mobilidade e ascensão social. Hoje a educação formal e a qualificação são situadas como elementos da competitividade, reestruturação produtiva e da “empregabilidade”. (Frigotto, 2005, p. 15)

Portanto, com a mudança de paradigma no interior do sistema capitalista, do modelo fordista para o modelo de acumulação flexível, transitamos, como aponta Castel (1998, apud Frigotto, 2008, p. 265), entre políticas de integração social, como direito social e subjetivo construído na luta de classes, para políticas de inserção precária.

No período mais recente, enquanto desaparecem os programas voltados a promover a inserção dos jovens no mercado de trabalho formal, há uma significativa e crescente difusão de iniciativas voltadas a incentivar e celebrar o empreendedorismo (Tommasi, 2018). Segundo a pesquisa GEM,5 que registra o aumento do número de jovens empreendedores no país, o percentual de empreendedores na faixa etária entre 18 e 24 anos estaria aumentando constantemente desde o ano 2000 até chegar, em 2018, a 22,2% do total. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae): “o jovem brasileiro já entendeu que para ter trabalho a melhor alternativa é criar o próprio emprego, é empreender, inovar e gerar novas vagas.” (Tommasi e Corrochano, 2020)

A ética do empreendedorismo - agora não mais prática do sujeito criativo schumpeteriano, mas generalizada a toda massa trabalhadora – tem o individualismo como característica fundante. Se o trabalho na economia capitalista já alimenta a concorrência por sua própria natureza, a prática empreendedora potencializa a ação individual, competitiva e meritocrática. A forma que assume em nosso tempo, a do autoempreendedorismo, sujeitos empresas de si, leva o individualismo a um novo patamar: somos empresas concorrentes, um capital que precisa ser valorizado incessantemente; somos autorresponsabilizados pela gestão desse eu e sua sobrevivência. A empresa vira uma forma de vida, uma *Lebensführung*, para pensar nos termos de Weber. Fruto do neoliberalismo, essa nova subjetividade é o que orienta a ação dos indivíduos.

O cenário de desigualdade social, retorno ao mapa da fome, aumento da pobreza e encarecimento da vida tem como pano de fundo uma ideologia que fomenta a meritocracia e a ética do trabalho. Mas nada disso é novidade, já que sabemos esse é o *modus* do capitalismo e sua própria forma de contraditória reprodução. A isso, Ferraz e

Ferraz (2022) acrescentam a perspectiva do empreendedorismo (agora como ideologia e generalizado à classe trabalhadora) como nova forma de manutenção da exploração do trabalho quando o sistema atinge (a partir da década de 1970) seu limite e encontra, voltando a Marx, a queda tendencial da taxa de lucro. Quando a economia política encontra seu limite e se atualiza é preciso um arranjo discursivo que dê conta de legitimá-la. A racionalidade neoliberal ajuda a compreendermos essa dinâmica.

Bueno (2021) denomina a subjetividade que acompanha o arranjo institucional das últimas décadas como “empresarial-depressiva”, onde é cada vez mais fortemente requerido dos sujeitos a autoresponsabilização e autorrealização como ser autêntico. Acompanhando a flexibilização da era pós-fordista estão ideais românticos de uma autenticidade pessoal, um “novo individualismo”, onde a disciplina obediente dá lugar a iniciativa empresarial e esse novo sujeito “seria impulsionado pela possibilidade (e demanda) de sustentar continuamente uma vida singular e autêntica: uma vida que seja ao mesmo tempo autodescoberta e criada experimentalmente, emocionalmente comunicativa e flexivelmente adaptada às condições de mercado em constante mudança”.

O lema da Artemisia [organização] (“entre ganhar dinheiro e mudar o mundo fique com os dois”) tem um grande apelo entre jovens. Inquietação, insatisfação com o trabalho formal, rebeldia contra o sistema são elementos que caracterizam a atuação de jovens envolvidos em coletivos culturais, atuação que tem crescido significativamente nas cidades brasileiras, e em particular em São Paulo, graças à difusão de editais de financiamento específicos como o programa de Valorização de Iniciativas Culturais de jovens (VAI). Entre esses jovens se difunde a ideia de que a criação de empreendimentos pode sustentar suas atividades, superando a dependência dos incertos financiamentos públicos (Campos, 2019; Silva, 2018). Virar empreendedor, abrir o próprio negócio para sustentar atividades coletivas, representa a possibilidade de *fazer acontecer*, preservando a autonomia, em linha com a ideia de “faça você mesmo” difusa entre os movimentos contraculturais desde os anos 1970 (Tommasi, 2018). (Tommasi e Corrochano, 2020, p.363)

O resultado dessa subjetividade que tomou forma no contexto do neoliberalismo é o sofrimento psíquico representado pela depressão (Bueno, 2021; Safatle, Junior e Dunker, 2021). Isso se explica pela potencialização do individualismo, da atomização dos indivíduos, gerada pela ideia de autorrealização, acompanhado da desilusão inevitável que a promessa de realização através do mercado e do consumo engendra. Há uma fragmentação do senso comunitário, ausência de suportes sociais e angústia diante dessa nova sociedade onde as possibilidades são mascaradas como infinitas. Na esfera

educacional, a racionalidade neoliberal aparece especialmente nas políticas que orientam a educação básica.

engendra-se uma generalização das formas de responsabilização dos atores, seja pelos seus percursos profissionais, seja por suas escolhas educacionais. De acordo com Silva (2018), no que se refere às políticas de juventude, “há um deslocamento das políticas de ajustamento da população juvenil aos sistemas de ensino, passando por políticas de contenção social, para a emergência de políticas com foco na customização dos percursos formativos” (p. 198). Em outras palavras, delineiam-se determinados dispositivos de articulação entre juventude e trabalho, ancorados na capacidade de escolha dos estudantes, dentre os quais a mais recente reforma do Ensino Médio no Brasil trata-se de um exemplar privilegiado. (Silva, 2019, p. 13)

Sem prescindir da crítica, é importante dizer que o empreendedorismo, a inovação, criatividade, autonomia, mesmo a flexibilidade no trabalho, não são *per se* problema algum em serem atributos desejados e mesmo estimulados. É preciso deixar claro que o problema são as condições reais que desenham a arena onde indivíduos constroem e realizam suas existências. Um espaço que é tecido por desigualdades e injustiças, em que não há espaço para uma realização plena porque suas possibilidades são aplacadas pela meritocracia, competição e individualização como princípios.

Doravante, cada um se quer autônomo para construir livremente, à la carte, o seu ambiente pessoal. Vivemos a época da mobilidade subjetiva. Cada um se serve. Fica o problema para aqueles que não conseguem ter acesso a essa mobilidade, convertida num imperativo das democracias liberais (Lipovetsky, 2004 *apud* Silva, 2019, p. 4).

Ainda assim, nosso campo tem feito esforços em demonstrar como se realizam micro experiências que parecem abrir brechas, quiçá configurarem possibilidades de resistência nesta “fisionomia pessimista” (Dardot e Laval, 2015, p. 295). Fizemos isso em Damion (2021) e um movimento semelhante, neste caso dentro dos estudos sobre cultura do consumo, foi feito recentemente por Pinheiro-Machado e Scalco (2022). Além de defender uma leitura da realidade menos totalizante e “pessimista”, nestes trabalhos também se demonstra a importância da investigação empírica nas Ciências Sociais. É o que apontam estas últimas sobre o consumo entre populações empobrecidas de países emergentes, quando criticam a falta de pesquisa empírica para a formulação do diagnóstico do neoliberalismo baseado em teoria que carece de percepção das “micropolíticas” e nuances em cada contexto histórico e político.

The overarching thesis on the negative correlation between neoliberalism/ consumption and politicization present limitations. They do not account for the nuanced political effects of consumption on everyday life in developing countries. Neoliberalism and consumption should be analysed within particular historical, political and cultural contexts (Zhang and Ong, 2008). [...] most of the assumptions of these works are empirically ungrounded,

relying on theoretical, largescale or universalizing perspectives and overlooking micropolitics that occur on the ground. [...] The contribution of this paper to the literature on neoliberalism is to demonstrate on empirical grounds that (de) politicization is not a totalizing, alienating or a fatalistic process even in contexts of de-democratization.” (Pinheiro-Machado e Scalco, 2022, p. 4)

Longe de maniqueísmos, acredita-se que as experiências são múltiplas tanto quanto a realidade é complexa, bem como as subjetividades que resultam das condições às quais estamos submetidas - como no caso da juventude diante do futuro em um mundo tão incerto e injusto. Não apenas é preciso escutá-la para que a teoria se oriente a partir da realidade, é fundamental a escuta porque não seria espantoso identificar o mesmo discurso que sustenta a lógica neoliberal de sujeito que descrevemos até aqui. Contudo, é confrontando-se com as ideias das novas gerações, suas narrativas, as reflexões que fazem de si e do mundo, os sentidos que atribuem ao trabalho e formas como encaram o futuro que se torna possível a construção de teorias e ferramentas analíticas que auxiliem na compreensão (e mesmo transformação) de uma realidade nova e cada vez mais dinâmica.

O termo primeiramente usado como “*onto-formative*” em *Gênero e poder* (Connell, 1987: 211) é inspirado na *Dialética do concreto*, de Karel Kosik (1976), para se referir ao fato de que **a vida social, como processo, normalmente nega e transcende as próprias condições de sua criação**. Ao retomar o argumento de inspiração marxista que já estava presente em Lukács (2015), a ontologia do ser social seria construída e transformada continuamente pela práxis, já não apenas do trabalho e da classe, mas de corpos e gêneros que emergem da vida colonial moderna. (Rosa, 2022, p. 892, grifo nosso)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As condições de vida hoje, marcadas pela precariedade para enormes contingentes de populações se explica, em grande medida, pela hegemonização de uma política e racionalidade neoliberal que se espalham com intensidade a partir de 1980, tendo contornos particulares no Brasil, onde um Estado de bem-estar existiu com limitações e regimes ditatoriais impuseram políticas à mando “do mercado”. Na educação, há anos vive-se diversos retrocessos, mas que se aceleraram desde 2017 com a imposição do Novo Ensino Médio, que pode ser considerado o produto acabado do antigo projeto neoliberal de educação, que bebe da teoria do capital humano, mas se diferencia substancialmente desta já que não se está mais em um contexto de expansão do mercado de trabalho, mas sim a necessidade da formação para a competência em um mercado altamente competitivo e flexível.

Uma vez que os jovens são mais negativamente afetados pelas desigualdades sociais e pelo desemprego estrutural, o tema "juventude e trabalho" é de grande relevância para a leitura da realidade e, mais do que isso, traçar políticas que atendam às demandas por melhores condições de desenvolvimento e vida dessa parte da população. Dentro disso, as pesquisas conduzidas no âmbito das Ciências Sociais, em particular, e nas Humanidades, de forma geral, ganharam atenção neste trabalho por serem campos privilegiados para a investigação da realidade social. Com os achados indicados a partir da pesquisa bibliográfica realizada, evidenciamos a baixa produção na área a respeito do tema e buscamos destacar a importância da pesquisa empírica, da escuta dos jovens, para a compreensão da realidade e, quiçá, intervenção nela.

Argumentamos que este tema e as indagações que conduziram, inicialmente, ao interesse por esta pesquisa, se inserem no contexto do fortalecimento do discurso do empreendedorismo, aqui compreendido como um elemento da racionalidade neoliberal. Dessa forma, sendo o *ethos* empreendedor um fator importante hoje na organização de projetos de vida dos sujeitos, buscamos demonstrar a relevância da pesquisa empírica, da escuta de jovens, para a compreensão da realidade atual do mundo do trabalho e do papel que a educação desempenha, enquanto formadora dos sujeitos deste mundo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R.M.B.; COUTRIM, R.M.E. A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG. *Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 40, n. 4, p. 01-19, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e68231>

BECKERT, J. Reimaginando a dinâmica capitalista: expectativas ficcionais e o caráter aberto dos futuros econômicos. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.119003>

BUENO, A. What Comes After Depression? The Crisis of Neoliberal Subjectivity and the New Authoritarian Wave in Brazil. *Krisis*, 41 (1): 45- 64, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21827/krisis.41.1.37167>

BRENNER, A.K.; CARRANO, P.C.R. Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1223-1240, out./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014143847>

BRÖCKLING, U. (2005). Gendering the Enterprising Self: Subjectification Programs and Gender Differences in Guides to Success. *Distinktion: Journal of Social Theory*, v.6, nº. 2, p.7-25. DOI: <https://doi.org/10.1080/1600910X.2005.9672910>

CANO, I. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, no 31, set./dez. 2012, p. 94-119. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222012000300005>

CORREA, L.M.; CUNHA, M.A. A política educativa e seus efeitos nos tempos e espaços escolares: a reinvenção do ensino médio interpretada pelos jovens. *Educação em Revista*, v. 34, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698182749>

DAMION, D. “**Juntas somos mais fortes**”: O empoderamento de mulheres autoempreendedoras e a experiência do grupo Empreendedoras da Restinga. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021, 109 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERRAZ, J. M.; FERRAZ, D. L. S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. *Cad. EBAPE.BR*, v. 20, nº 1, Rio de Janeiro, Jan./Fev. 2022 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200246>

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIGOTTO, G. Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANO, Demerval; SANFELICE, José L.

(orgs.). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. 3ª Ed., Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação entre trabalho e educação no Brasil hoje. In: LIMA, J.; NEVES, L. M. W. (orgs.). **Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo**. 2ª Reimpressão, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 241-286, 2008.

FRIGOTTO, G. **Reforma do ensino médio representa uma regressão e uma traição aos jovens e ao país**: entrevista com Gaudêncio Frigotto. João Vitor Santos, Instituto Humanitas, 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/616742-reforma-do-ensino-medio-representa-uma-regressao-e-uma-traicao-aos-jovens-e-ao-pais-entrevista-especial-com-gaudencio-frigotto> Acesso em: 05 abr. 2023.

GAGO, V. **A razão neoliberal**: economias barrocas e pragmática popular. São Paulo: Elefante, 2018.

GAWRYSZEWSKI, B. A Formação Profissional e o Mundo do Trabalho pela ótica de Estudantes de Cursos Técnicos de Nível Médio. **Educação em Revista**, v. 37, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698231575>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** – jan. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html> Acesso em: 29 mar. 2023.

INSTITUTO CÍCLICA. **Futuro do mundo do trabalho para juventudes brasileiras**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gRThbHqVH6dWFZgWtJOMAN_FfSd13OZo/view Acesso em: 29 mar. 2023.

LIMA, I. G.; GANDIN, L.A. Entendendo o estado gerencial e sua relação com a educação: algumas ferramentas de análise. **Práxis Educativa**, v. 7, n. 1, p. 69-84, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.7i1.0004>

PINHEIRO-MACHADO; R. SCALCO, L.M. The right to shine: Poverty, consumption and (de) politicization in neoliberal Brazil. **Journal of Consumer Culture**, v. 0(0), p. 1–19, 2022. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14695405221086066>

REIS, M.C. **Trabalhadores com ensino superior: área de formação, ocupação e diferencial de rendimentos em relação aos trabalhadores com ensino médio**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, mar. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11822> Acesso em: 29 mar. 2023.

ROSA, M. C. Por uma ética da ontoformatividade: reflexões e proposições sobre a relação ontológica entre teoria e pesquisa na sociologia contemporânea do Sul Global. **Sociedade e Estado**, v. 37, nº. 3, p. 885-906, 2022. <http://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237030006>

ROSENFELD, C. Autoempreendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n°. 89, out. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17666/3089115-128/2015>

SAFATLE, V.; JUNIOR, N.S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como sofrimento psíquico**. Autêntica, 2021.

SENKEVICS, A. S. A expansão recente do Ensino Superior: cinco tendências de 1990 a 2020. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: Cenários do Direito à Educação**, v.3, n.4, 2021. <https://doi.org/10.24109/27635139.ceppe.v3i4.4892>

SILVA, R.R.D. Trabalho, Educação e Juventudes: diálogo com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, nº3, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00223>

SOARES, G.A.D. O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº. 48, p. 27-52, 2005.

SOUSA, E. J. S.; MARCOLINO, A.; GARCIA, L. S. Porque a juventude precisa trabalhar menos. **Outras Palavras**, 21 dez. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/por-que-a-juventude-precisa-trabalhar-menos/> Acesso em: 29 mar. 2023.

SOUZA, D. C. C.; VAZQUEZ, D. A. Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 2, p. 409–426, abr. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022015041789>

TOMMASI, L.; CORROCHANO, M.C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, nº 99, p. 353-372, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.021>

VAHDAT, V. S.; BORSARI, P. R.; LEMOS, P. R.; RIBEIRO, F. F.; BENATTI, G. S. S.; CAVALCANTE FILHO, P. G.; FARIAS, B. G. **Retrato do Trabalho Informal no Brasil: desafios e caminhos de solução**. São Paulo: Fundação Arymax, B3 Social, Instituto Veredas. 2022.

ANEXO I – Tabela de Resumos Trabalhos Analisados

<p>A política educativa e seus efeitos nos tempos e espaços escolares: a reinvenção do ensino médio interpretada pelos jovens</p>	<p>O artigo descreve o que pensam, sentem e experimentam os jovens do ensino médio da rede pública estadual de Minas Gerais quando confrontados com a implementação de uma política educativa que, alicerçada em uma reformulação curricular, modifica tempos e espaços escolares. Inicialmente, o trabalho contextualiza o Projeto Reinventando o Ensino Médio e a pesquisa. Na primeira seção, discutimos as questões que permeiam a implantação do projeto na rede pública estadual mineira, no período de 2012-2014. Na segunda seção, analisamos a percepção dos jovens que vivenciaram a política em sua dimensão prática, explorando uma metodologia do tipo qualitativo baseada nos grupos focais. As falas dos jovens são reveladoras de como tais políticas colocam os sujeitos para as quais elas são endereçadas em um lugar quase invisível. Por fim, na terceira seção, tecemos algumas ponderações acerca dos resultados da pesquisa.</p> <p>Palavras-chave: Jovens. Ensino médio. Escola. Políticas Públicas.</p>
<p>A prova social da escolarização entre jovens de escolas públicas: trabalho e interatividade sociável nas periferias de Porto Alegre</p>	<p>Nossas problematizações partem de resultados de pesquisa em localidades de periferia, destacando informações produzidas entre 2017 e 2019, em três bairros de Porto Alegre/RS. Buscamos compreender como os jovens confrontam a prova social da escolarização em estabelecimentos públicos sediados em tais contextos. Contribuições de Danilo Martuccelli são as referências teórico-metodológicas centrais, sendo que, em campo, dedicamos-nos à aplicação de questionários e à realização de grupos de discussão e entrevistas narrativas. As interlocuções assinalaram uma implicação mútua entre práticas sociáveis e institucionais, de forma que modos de presença interativa percorriam diferentes níveis de ensino. A escolarização era experienciada em associação ao imperativo do trabalho e, também, sob o desafio da produção de sentidos ao presente na instituição. Nesse cenário, aventamos que a prova social da escolarização concorre às individualizações mobilizando táticas metonímicas e interações singularizantes.</p> <p>Palavras-chave: escolarização; juventudes; sociabilidades; trabalho; periferias</p>
<p>Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro</p>	<p>Os encontros entre o Ensino Médio Integrado e projetos de futuro dos jovens egressos da Escola Estadual de Educação Profissional Paulo Petrola apresentam desafios para a educação escolar. Enquanto a escola estudada tem como proposta pedagógica a integração curricular expressa na concepção de formação humana, capaz de formar jovens cidadãos autônomos, a cidade oferece percursos sinuosos e caminhos incertos. Percebemos através de entrevistas narrativas que o currículo inovador da escola tem uma repercussão afirmativa na trajetória desses jovens. O ingresso e a permanência dos jovens no ensino médio transitam entre os desejos de ingressar no ensino superior, entrar no mercado de trabalho e às vezes se perder pelas vicissitudes de suas vidas.</p> <p>Palavras-chave: Jovens; Projeto de Futuro; Escola; Ensino Médio.</p>
<p>Estudar e Trabalhar: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis</p>	<p>Este artigo analisa diferentes modos de viver e significar a experiência simultânea de estudar e trabalhar, emblemática da condição juvenil no Brasil. Partindo de estudos sobre os nexos entre escola e trabalho, apresenta dados de pesquisa qualitativa realizada com 32 jovens de camadas populares da Região Metropolitana de São Paulo. Os resultados evidenciam múltiplos e complexos fatores envolvidos nessa combinação, destacando-se diferenças em relação ao momento da vida juvenil e à etapa da escolarização.</p> <p>Palavras-chave: jovens; educação; trabalho; transição escola-trabalho;</p>

	políticas públicas
Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho	<p>O artigo analisa as expectativas de jovens do ensino médio de escolas públicas em relação à continuidade dos estudos e à inserção no mercado de trabalho. O principal procedimento da pesquisa foi a aplicação de um questionário a 1363 estudantes da região metropolitana de São Paulo. Em diálogo com as teorias críticas de Althusser (1999), Bourdieu e Passeron (1975), e Baudelot e Establet (1975), partimos da hipótese de que esses jovens possuiriam alta expectativa de ingresso no mercado de trabalho e baixa expectativa de continuidade dos estudos. Por um lado, os dados revelaram que os jovens pesquisados pretendem seguir estudando, e inclusive ingressar no ensino superior. Porém, por outro lado, foram constatadas desigualdades significativas de expectativas e avaliação de chances segundo as seguintes variáveis: autodefinição de raça; escolaridade e tipo de ocupação dos pais/responsáveis; autodefinição na estrutura de classes; experiência atual e anterior de trabalho. Tais desigualdades revelam a existência de um <i>teto de vidro</i> que reduz as chances de ingresso no ensino universitário (principalmente nas universidades públicas), segundo o grupo social considerado. Este artigo demonstra que conciliar estudo com trabalho é visto como a maior dificuldade e, ao mesmo tempo, como a principal estratégia para obter o nível superior, considerando os efeitos das políticas recentes de ampliação da oferta das vagas públicas e privadas.</p> <p>Palavras-chave: Educação e trabalho; Jovens; Ensino médio; Escola pública; Ensino superior</p>
Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior	<p>O presente artigo sustenta que as recentes transformações no ensino superior, especialmente no que se relaciona à ampliação da presença de jovens trabalhadores no meio universitário, tornam fundamental a retomada da categoria juventude nos estudos em torno desse nível de ensino, destacando a centralidade da categoria trabalho para sua constituição no Brasil. Tomando como referência um estudo realizado com jovens de baixa renda do Município de São Paulo, suas dificuldades e expectativas de acesso ao ensino superior, o artigo aponta a relevância e as limitações da atual expansão, bem como necessário um aprofundamento em torno da origem, das experiências e dos projetos dessa nova geração, que traz o ingresso no ensino superior como elemento essencial de sua trajetória desejada.</p> <p>Palavras-chave: Educação superior; Trabalho; Juventude</p>
Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio	<p>O artigo aborda a temática das relações entre juventude e escolarização, propondo-se a discutir as razões de permanência e abandono no âmbito da educação profissional técnica de nível médio. Inicialmente, apresenta uma discussão conceitual sobre juventude, escola e trabalho para, em seguida, expor os resultados de duas pesquisas empíricas que se ocuparam de analisar o que levam os jovens a abandonar ou a permanecer na escola. Os dois cursos investigados foram definidos por possuírem, ambos, elevada procura, sendo que em um deles há alto índice de abandono, ao passo que o outro apresenta uma permanência acima da média se comparada a outras escolas de ensino médio. A análise sinaliza que a grande procura pelos cursos técnicos nas áreas pesquisadas deve-se ao fato de os jovens buscarem encontrar formação de qualidade superior, profissionalização em áreas que representam certo status ou, ainda, garantia de empregabilidade. Em uma das situações, ao se frequentar a escola, as ilusões iniciais dissolvem-se, problemas para acompanhar a realização do curso evidenciam-se e a relação entre a escola e o jovem mantém-se distante, o que leva ao abandono. Contrariamente, em outra situação, a permanência é explicada devido ao grau de experiências positivas que os jovens podem viver enquanto estão matriculados em uma instituição de tempo integral, interna e bem estruturada.</p>

	<p>Palavras-chave: Juventude e educação; Permanência e abandono escolar; Ensino médio; Educação profissional técnica de nível médio</p>
<p>Juventude, Escola e Trabalho: Sentidos da Educação Profissional integrada ao Ensino Médio</p>	<p>O estudo que deu origem a este texto trata das relações de jovens com a escola e com o trabalho e dos sentidos que eles atribuem à Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Empreendemos uma pesquisa empírica com jovens estudantes-trabalhadores matriculados no Ensino Médio noturno público em Curitiba e região metropolitana. Tal investigação foi desenvolvida em duas etapas: a primeira, de caráter exploratório quantitativo, contemplou mais de 4.000 estudantes em 18 estabelecimentos; a segunda, de caráter qualitativo, contemplou quatro turmas do quarto ano do Ensino Médio Integrado. A análise dos dados primários, à luz da produção dos campos teóricos relacionados ao tema, da legislação educacional e dos embates teórico-metodológicos e ideológicos que permeiam as disputas pela última etapa da educação básica permitiu uma aproximação com os sentidos que os jovens atribuem ao Ensino Médio em geral e à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em particular.</p> <p>Palavras-chave: Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Ensino Médio. Ensino Médio Integrado. Juventude e educação. Juventude; escola e trabalho.</p>
<p>O Desafio de Conciliar Trabalho e Escola: Características Sociodemográficas de Jovens Trabalhadores e Não-trabalhadores</p>	<p>Este artigo investigou características educacionais e sociodemográficas em jovens brasileiros trabalhadores e não-trabalhadores. Participaram do estudo 7425 jovens (45,8% homens), entre 14 e 24 anos ($M=16,19$; $DP= 1,82$). O grupo de jovens não-trabalhadores apresentou índices superiores em relação às variáveis Série em que Estuda, Vezes por Semana em Média que Vai para Escola e Percepção sobre a Escola Atual; e menores índices de Reprovação com relação aos jovens trabalhadores. Além disso, observou-se que os pais dos jovens não-trabalhadores apresentaram escolaridade superior aos pais de jovens trabalhadores. Constatou-se uma relação entre dificuldades acadêmicas e trabalho juvenil, bem como a necessidade de os jovens estarem psicologicamente preparados para administrar exigências laborais e escolares, de maneira a não prejudicar seu desempenho nessas atividades.</p> <p>Palavras-chave: jovens; adolescentes; trabalho; educação</p>
<p>O Ensino Médio e a precocidade do trabalho juvenil</p>	<p>Apresenta-se os resultados de uma pesquisa que objetivou levantar a opinião dos jovens sobre a contribuição da escola para sua formação enquanto trabalhadores. Foram entrevistados 115 jovens matriculados no Ensino Médio, em 17 escolas na região metropolitana do Recife. Concluiu-se que a escola pública ao considerar que os jovens têm como horizonte a entrada no mercado de trabalho, promove a aprendizagem do mínimo necessário para uma inserção precoce e precarizada. Os jovens desejam de alguma forma, mudar a sua condição social, nesse sentido, articulam trabalho e escola como uma relação fecunda no sentido da mobilidade social. A vinculação estabelecida entre escola e trabalho trata-se de uma necessidade posta enquanto condição de sobrevivência e de uma melhor condição de vida.</p> <p>Palavras-chave: Juventude; Mobilidade Social; Ensino Médio.</p>
<p>Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a Escola</p>	<p>Este artigo trata da percepção de estudantes do Ensino Médio sobre a contribuição que as experiências escolares podem trazer aos seus projetos de vida. Toma-se por referência os conceitos de projeto do filósofo Ortega y Gasset e de <i>purpose</i>, formulado por Willian Damon. Participaram do estudo 305 estudantes do Ensino Médio da cidade de São Paulo. A abordagem qualitativa (análise de conteúdo e formulação de categorias) respeitou as percepções dos participantes. Os resultados demonstram que 81% dos</p>

	<p>estudantes consideram que a escola contribui para seus projetos de vida, principalmente por meio das atividades desenvolvidas em sala de aula.</p> <p>Palavras-chave: Jovens; Projetos de Vida; Significados da Escola</p>
<p>Trajétórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio</p>	<p>O artigo discute resultados da etapa quantitativa da pesquisa <i>Jovens fora de série</i>: trajetórias truncadas de estudantes do ensino médio na cidade do Rio de Janeiro. A investigação tem como objetivo geral depreender e compreender trajetórias de escolarização e percursos biográficos de jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas que se encontram em situação de defasagem escolar. Neste artigo, apresenta-se o perfil que emerge da aplicação do questionário estruturado a um universo de 593 jovens. A amostra exploratória e não probabilística foi distribuída entre 14 escolas localizadas nas zonas sul, centro, oeste e norte da cidade do Rio de Janeiro. Os jovens participantes da pesquisa fazem parte de classes de Educação de Jovens Adultos (EJA) e do programa de correção de fluxo denominado Autonomia. Enfoque especial de análise é dado à combinação entre trabalho, estudo e constituição de projetos de futuro. Verificou-se que o abandono escolar cria mais problemas para o fluxo da escolarização do que as reprovações. Os dados apontam para a existência de uma superposição entre os tempos de trabalho e escola na vida dos jovens. Nesse sentido, ocorre um duplo efeito do trabalho nas trajetórias dos estudantes. Se, por um lado, trabalhar e estudar representam um desafio para a continuidade dos estudos sem truncamentos do fluxo da escolarização, por outro, a experiência de trabalho cria disposições relacionadas com a independência, a conquista da autonomia e o delineamento de projetos de futuro.</p> <p>Palavras-chave: Juventude; Escolarização; EJA; Trabalho; Futuro</p>
<p>Transição para o ensino superior: aspiração dos alunos do ensino médio de uma escola pública</p>	<p>O trabalho discute resultados de uma pesquisa que identifica e analisa projetos e aspirações de continuidade dos estudos de alunos do ensino médio de uma escola estadual da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Busca-se compreender as formas de presença da escola e da família na elaboração dos projetos de vida. A discussão se baseia nos dados coletados por meio de questionários autoaplicados dirigidos aos alunos. Foram realizados cruzamentos entre a variável resposta (se o aluno pretende cursar o ensino superior) e as variáveis relacionadas às características adscritivas dos alunos, à trajetória escolar, ao contexto familiar e escolar. A partir dos cruzamentos, foram selecionadas as variáveis que indicavam associação com a variável resposta e estimado um modelo de regressão logística que buscou analisar os fatores associados às aspirações dos alunos em cursar o ensino superior. Os achados indicaram que três características distinguem mais os alunos em termos de aspirações de continuidade de estudos: sexo, renda familiar e incentivo da família.</p> <p>Palavras-chave: projetos de vida; aspirações escolares; ensino médio; ensino superior; escola pública</p>